

Encontros secretos, telefonemas, reuniões, vôos de Lear Jets entre Brasília e São Paulo marcam a agitada ofensiva de Fernando Collor de Mello em busca do apoio do PSDB. Na tarde de sexta-feira, Collor já admitia a possibilidade de trocar seu vice, Itamar Franco, pelo senador “tucano”, Fernando Henrique Cardoso, que, no entanto, já afirmou não haver hipótese de apoiar Collor. Uma troca mais à procura de prestígio político que de votos. “Os votos do Covas virão naturalmente para mim, com o Lula ou Brizola, eu preciso agora é de moldura para a campanha”, disse o candidato a um parlamentar. Com os “tucanos”, Collor entende que quebrará a enorme resistência das classes A e B a sua candidatura e, além disto, conquistará um partido com quadros prontos para ajudá-lo a governar. O PSDB, até à tarde de ontem, não havia decidido seu apoio a nenhum dos candidatos.

A decisão de trocar de vice, entretanto, não tem a aprovação unânime dentro do “staff” da campanha do PRN. Collor pediu a seus assessores uma avaliação cuidadosa sobre o assunto. Ele teme que tirando Itamar perca preciosos votos em Minas Gerais, “Minas pode se ofender e votar no adversário”, disse. A derrota de Itamar Franco em Juiz de Fora, sua base política, ajuda na argumentação dos adeptos da troca.

Ontem, o deputado Renan Calheiros, líder do PRN, viajou para São Paulo onde, provavelmente, se encontraria com parlamentares do PSDB para negociar a aliança. Não há grandes obstáculos ao acordo porque uma das principais exigências dos “tucanos” para dar o apoio é que o candidato seja parlamentarista. Collor não só é parlamentarista como já se dispôs a fazer campanha em 1993 a favor deste sistema de governo no plebiscito previsto pela Constituição.

Comemoração — Só na última sexta-feira, montando numa diferença de 5 milhões de votos sobre o segundo lugar, que Collor de Mello descontraiu-se e aceitou comemorar antecipadamente a vitória no primeiro turno. Naquela manhã, os boletins do TSE confirmaram o que se chamava o “fenômeno Collor”, ele estava em primeiro lugar em todas as regiões do País e nos esta-

Collor tenta Fernando Henrique

Para cooptar o PSDB vale tudo, reuniões secretas, vôos de Lear Jets e até mesmo a troca do vice Itamar Franco por Fernando Henrique Cardoso

dos mantinha-se em primeiro ou em segundo, sempre com votação expressiva. Collor enfrentou ao longo da campanha, desde abril, quando alcançou o primeiro lugar nas preferências dos eleitores, a mais contundente campanha de oposição jamais vista no Brasil. Collor começou a campanha com cem mil dólares e meia dúzia de assessores alagoanos. Na medida que crescia na preferência dos eleitores cresciam, também, os aliados. Vieram multidões de políti-

cos e empresários, com eles mais recursos para a campanha. Este apoio veio acompanhado de correspondente reação dos adversários.

Fizeram de tudo contra Collor: espalharam boatos, fizeram intrigas, vasculharam seu passado inteiro. Em Brasília, seus adversários fizeram correr o boato que Collor era tão temperamental que havia jogado um prato de macarrão na cara de uma empregada. Episódio que jamais existiu. O PDT chegou a contratar advogado para passar um pente fino para tentar envolvê-lo no processo da morte da menina Ana Lídia, torturada e morta em 1976. Nada foi encontrado com referência a Collor neste episódio, apesar do esforço dos brizolistas. A última tentativa para atingi-lo pessoalmente foi disparada também pelo PDT.

Cocaína — O deputado Brandão Monteiro, com base em denúncia, sem provas ou indícios convincentes do jornalista Jorge Oliveira, acusou Collor de envolvimento com um consumidor de cocaína pelo simples fato de, quando governador, ter sido seu padrinho de casamento. A falsa denúncia não resistiu a 24 horas. Collor havia sido padrinho do acusado dois anos antes de ter sido preso. O candidato passou incólume aos ataques dos adversários. Em comícios por todo o País os adversários diziam que os alagoanos não gostavam do seu ex-governador: para arrasar este último argumento, Collor obteve 55% dos votos no seu Estado.

O assessor de imprensa de Collor de Mello, Cláudio Humberto Rosa e Silva, costuma dizer: “Passaram Collor de Mello duas vezes na máquina de moer carne e ele saiu inteiro”. O candidato sentiu muito ao longo da campanha os ataques pessoais, toda sua família foi atingida, mulher, ex-mulher, mãe e até parentes distantes como o primo, o juiz federal Mello Porto. “Foi muito duro sofrer tantos ataques pessoais, mas o resultado das urnas mostra que o povo repudiou este tipo de baixa política”, desabafou Collor a um amigo na sexta-feira. “Nada colocou contra ele” — constatou um influente deputado do PDT. O ex-deputado Cibilis Viana, coordenador da campanha de Leonel Brizola, costumava dizer, mesmo durante a campanha: “Este moço é um leão”.

